

O mito da terra prometida em *Madona dos Páramos*

The myth of the Promised Land in *Madona dos Páramos*

Olga Maria Castrillon-Mendes

UNEMAT, Cáceres-MT, Brasil
olgmar007@hotmail.com

Palavras-chave: narrativa mítica, estereótipos, Ricardo Guilherme Dicke, Mato Grosso.
Keywords: Mythical narrative, stereotypes, Ricardo Guilherme Dicke, Mato Grosso.

Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) é um escritor brasileiro que escreve em Mato Grosso, desde 1960, possuindo uma vasta produção literária composta de poesia, contos e romances, notadamente estes dois últimos¹. Um lance de olhos por uma parte de sua biblioteca, recentemente doada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT, na cidade de Tangará da Serra/MT, e tem-se uma noção, guardadas as devidas proporções, de como foi influenciado pelos mais afamados narradores hispano-americanos. A densidade e o universo ideológico destes parecem ressoar nos textos de Dicke, trazendo aqui a colocação de Antonio Candido sobre o movimento político do pan-americanismo que propiciou “maior conhecimento recíproco das nações latino-americanas, diminuindo a obsessiva fixação com a Europa” (1993, pp. 130-139).

Nessa perspectiva, a primeira questão que se coloca ao leitor é: Por que sua obra não alcançou a crítica hegemônica e, mais intrigante, por que é pouco conhecido e difundido no seu próprio país? Deixando de lado a prolixidade (e

¹ O conjunto da obra do autor pode ser encontrado em *A literatura de Ricardo Dicke: intervenções críticas* (Machado, 2014, p. 16-17): *Caminhos de sol e lua* (1961); *Deus de Caim* – Premio Walmart (1968 e 2006); *Como o silêncio* – Premio Clube do livro (1968); *Caieira* – Premio Remington de prosa (1978); *Madona dos Páramos* – Premio da Fundação Cultural do Distrito Federal (1981 e 2008); *Conjunction oppositorum no Grande Sertão* – Tese (1982); *A chave do abismo* (1986); *Último horizonte* (1988); *Cerimônias do esquecimento* – prêmio Origenas Lessa da UBE (1999); *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000); *O salário dos poetas* – adaptado para o teatro, em Lisboa (2000); *Toada do esquecido & Sinfonia equestre* (2006); *A proximidade do mar & A ilha*; *Cerimônias do Sertão*; *O velho moço e outros contos e Os semelhantes* (2011) – os 4 últimos são publicações póstumas. Chama-me atenção a seguinte afirmação da estudiosa do escritor: “[...] por mais louvável que seja o desejo de publicar o escritor, reconhecer seu talento literário, ainda é preciso manter a fidelidade do texto, algo que não tem sido feito, inclusive com alterações significativas nos originais”.

pretensa dificuldade) dos seus textos, de que maneira é possível compreender as relações de poder que o manteve à margem de afamados escritores?

Assim, trago o escritor brasileiro, nestas reflexões, para pensar, também com Ángel Rama (2001), os espaços poéticos de “regiões culturais”, conhecidas como *periféricas*, detentoras de textos oriundos de outros eixos, como é o caso de Mato Grosso. Esses espaços produziram representações culturais que constroem imagens complexas em tensos diálogos marcados pela pluralidade e pelo multiculturalismo. São experiências intersubjetivas vistas como forças díspares e singulares, cujos mecanismos de articulação social estão nas relações entre arte, cultura e política, transformando-se em *locus* de tensões culturais que permutam o modo de ver/sentir as relações sujeito e sociedade.

Postas em evidência, as assimetrias regionais modelam as consequências do processo hegemônico que foi e continua sendo um projeto de grupos de intelectuais socialmente reconhecidos. Suas bases encontram eco na valorização de um passado glorioso ou estão em tensas relações de forças com os processos de modernização, principalmente aqueles que fizeram da cultura local, bandeira de luta pela permanência de valores considerados historicamente válidos.

Sob essa tensão interessa-nos refletir, não o conjunto da obra do escritor, mas um romance, dentre muitos outros, *Madona dos Páramos* (1982), considerado emblemático para o tema que se pretende aqui trabalhar. Nele é possível verificar as confluências e movimentos do processo de construção das identidades, das fronteiras diversas, das territorialidades como função da história, da literatura e de outras manifestações de linguagem que, embora não reconhecidas, estão na base da construção do sentido de nação e de nacionalidade, cujos ecos ressoam desde o movimento romântico que, em Mato Grosso, persistiu como sentimento e estrutura formal, até meados do século XX.

Ao enveredar por caminhos da construção dinâmica dessa dialética social, privilegia-se a operacionalização de conceitos, pensando que a base analítica em que se sedimenta o *corpus* de análise, constitui suporte da comunicação artística, vista como parte da historicidade. Neste caso, reside na busca de um conceito cultural para Mato Grosso a partir da sua produção literária. Não a tradição, nem tampouco o folclorismo reducionista, mas a consciência da atividade produtiva que permite novas formas de pensar/compreender os sujeitos no espaço das produções culturais brasileiras em suas interrelações com a América Latina. Seguem-se, nesse aspecto, as reflexões de Mário César Silva Leite (2015) ao colocar o poeta Silva Freire, segundo ele, de teor regional e estética vanguardista, no centro das suas moveções definições sobre o regionalismo e identidades para compreender a relações literárias, culturais e sociais que aproximam críticos e escritores.

Vemos, nesse sentido, a colocação de Walter Mignolo (1990) sobre a configuração do material de análise como construção disciplinária de um campo de pesquisa e que está, reconhecidamente, construído pelo *cânon* que impõe o modelo e estabelece o sistema. Enquanto a constituição desse *cânon* representa a estética e o gosto daqueles que regulam as práticas discursivas, a sua configuração reflete, em troca, os princípios massificadores dessas práticas. Isso não significa que se pretende substituir o *cânon* (por outro), mas re-ver o *corpus*, não perdendo de vista as singularidades específicas que o caracterizam, ou seja,

novos olhares sob o mesmo, atitude que possibilita abertura dos diálogos, não só entre as Instituições reguladoras, mas nos entremeios das vontades populares.

Daí advém a consideração de uma literatura “de margem” merecedora de óticas inovadoras no conjunto das obras dos escritores mais significativos de uma determinada cartografia literária, acalentando outras vozes que possibilitam a organização de um discurso diferenciado e um campo intelectual, cujos resultados interferem na constituição do sistema literário. Um mecanismo que permite pensar a formação da literatura brasileira produzida em Mato Grosso, reconhecendo e compreendendo as diferenças a partir de outros saberes e das rupturas epistemológicas.

Embasam essa discussão os sentidos circulantes das identidades em que a relação com o outro está presente pelo amálgama sócio-cultural que se estabeleceu a partir da junção de variados elementos provenientes do processo histórico colonial e das novas tendências e posturas a partir do século XX. Hoje, a diversidade que constitui a cultura mais interior imprime sentidos representativos de uma “comunidade simbólica” pela qual o povo se significa, como fala Stuart Hall (2006). Ou seja, participa-se de uma “tradição”, uma “continuidade literária”, cuja imagem Antonio Candido representa na forma da “transmissão da tocha entre corredores, algo entre os homens”, o conjunto de elementos transmitidos sem os quais, não há literatura como fenômeno de civilização (Candido, 1997).

Dessa forma, o híbrido cultural transmitido é seguidamente reinventado nas práticas e valores, sucumbindo com a ideia do anacronismo de povo puro e original ou literatura “nossa”. Então, não se trata apenas do diálogo entre culturas interiores e exteriores, mas universos de tensões e contradições, vistos em ilhas de comunitarismos de que trata Benjamin Abdala Júnior. O crítico tem se dedicado aos estudos do processo discursivo de uma literatura dialética “em processo” que abarca os múltiplos campos dos referentes sociológicos e históricos e nas noções de comunitarismo e sobrevivência (ou não) da forma. É através de uma projeção mítica (como em Ángel Rama), mas também utópica (na perspectiva de Ernst Bloch, das utopias possíveis) que se entende a reatualização do devir da escrita engajada, uma vez que os escritores socialmente mais antenados buscam o que ele chama de uma “consciência de ofício com sentido político” em que é possível a criação de estratégias discursivas de transformação do texto e pelo texto. Não mais a repetição da forma, mas a recriação dela, numa via de mão dupla com o sujeito-leitor (Abdala Jr., 2002, 2003 e 2007).

Nessa conjuntura é plausível trazer o que Pierre Bourdieu denomina de discurso performativo para pensar o discurso considerado regionalista, tendo em vista “impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada – e como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora” (Bourdieu, 2010, pp. 116-129). Sabe-se pela linguística benvenistiana que o dizer enunciado pretende-se que aconteça, pois o que está em jogo é o poder da apropriação do discurso. E, de fato, se a região não existisse como espaço estigmatizado, como “província” definida pela distância econômica e social (e não geográfica), espaço, portanto, concentrado, não teria que se reivindicar a existência. É porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica

que surgem os grupos de luta que dão novo sentido e valor aos elementos estigmatizados. Assim, não basta existir como diferente, mas ser *reconhecido* legitimamente diferente (Bourdieu, 2010, grifo meu). Por essa via, o tripé do sistema literário escritor/texto/leitor, se esclarece na proposta de Ricardo Dicke, como se procura aqui entender o romance em questão.

Por outro lado, e ao mesmo tempo complementando o quadro conceitual aqui colocado, a perspectiva de Bourdieu (1996) sobre a gênese e estrutura do *campo literário* sinaliza os deslocamentos sobre o poder da escrita, uma vez que o universo literário como está posto hoje e como é reconhecido dentro do *cânon* literário, constituiu-se no século XIX. Desde então, o mundo cultural cria suas próprias leis e decide o que entra (ou não) em circulação. Ao propor modificações sobre a maneira de ver os campos sociais de produção do poder e do saber Bourdieu desvenda o funcionamento do mundo artístico e cultural tão cheio de regras imperceptíveis e difíceis de serem reconhecidas sem uma atenção especial a cada elemento que o compõe.

Embora as ideias de Bourdieu nesta obra citada se desenvolvam dentro da teoria da criação artística, centrada na produção dos impressionistas, é possível polemizar o texto literário, levando em conta as regras da arte e o campo literário que propiciou o seu surgimento. Para isso, colocamos como paradigma da nossa análise, o campo literário de construção da literatura brasileira produzida em Mato Grosso, percorrendo as linhas de força que gestaram a sua formação e evolução, tendo como parâmetro de análise o romance *Madona dos Páramos*, de Ricardo Guilherme Dicke.

Madona sertaneja

Madona dos Páramos narra a história de um grupo de fuggitivos que se embrenha, a cavalo, na mata cerrada, em direção à fronteira oeste com a Bolívia e o Paraguai, saídos de uma prisão da cidade de Cuiabá/Mato Grosso. Em comum carregam a sina do sertanejo: homens endurecidos pelas agruras da vida numa terra deserta, sem perspectivas, envolvidos em crimes e alimentados pela sede de fazer justiça com as próprias mãos. As personagens são atores sociais de um mundo geográfico e politicamente conflituoso. Um lugar dito “incivilizado”, cuja sobrevivência se dá nos limites do humano, portanto, espaço representativo dos conflitos externos e, principalmente, internos.

À medida que o grupo caminha, cada indivíduo carrega os dramas e os fantasmas de que é constituído. Estão todos imbuídos do sentimento de busca de realização a partir de uma espécie da procura do paraíso perdido, ou o lugar da realização das utopias. Fogem duplamente: da captura e de si mesmos. Quanto mais se afastam, mais se perdem na imensa geografia e mais distantes se colocam da almejada Terra Prometida (e promissora), simbolizada por uma árvore – a Figueira-Mãe. A árvore-símbolo, acima da manifestação do real, representa o sagrado, cuja conquista é a realização dos desejos, portanto, centraliza a necessidade que cada um tem de *Ser*. Nesse sentido, o mito é fundador de um centro do poder, uma espécie de controle do mundo, de aquisição das experiências que se dá pela hierofania de que fala Mircea Eliade (1992) – a experiência do sagrado no

profano, uma espécie de retorno ao primitivo culto à mãe natureza que oportuniza ao homem alcançar o ideal de vida. No caso do romance de Dicke, o sagrado versus dessacralizado se revela pelo simbólico, nas duas formas de ser no mundo. O espaço paulatinamente vencido mantém a extensão do humano à medida que representa a existência cósmica, como imagem fecundadora da terra prometida.

Nesse sentido, o sertão é o espaço mítico, elo perdido e sonhado da cadeia humana, simbolicamente posta na busca da emblemática Figueira-Mãe, cuja simbologia, liga-se à ideia de fecundidade/abundância/riqueza², como cultuada pelo sertanejo. Daí o narrador estar ligado à busca de um lendário lugar que, na narrativa, é materializado pela Serra dos Martírios, cujo imaginário impulsionou muitas expedições viajantes ao interior do Brasil. Para alcançá-la, o viajante tinha que cumprir um ritual iniciático que começava pelo movimento humano de uma penosa travessia entre matas impenetráveis e indígenas pouco amistosos. As narrativas sobre as Minas dos Martírios alimentam até hoje as viagens que são refeitas e, principalmente, alimenta a ficção. Nada é mais sólido que as histórias mal contadas, ou não provadas como aquela das cidades abandonadas, que compõem as lendas matrizes da humanidade como diz Antonio Callado (2010), no relato “Esqueleto na lagoa verde”, sobre o misterioso desaparecimento do coronel Fawcett³.

Em *Madona dos Páramos*, o narrador retoma a história e, conseqüentemente, o mito, representação do labirinto que povoa a mente das personagens do romance:

A Figueira-Mãe está rodeada de bambuais e mangueiras espessas, e muralhas de espinhos e mais espinhos inultrapassáveis, nos confins da serra dos Martírios, lá onde chegou também o célebre coronel Fawcett, que continua lá vivo, apesar de pensarem que morreu comido pelos índios, nos refundos do tuiaíá, para nem de longe chegar nunca jamais as notícias do mundo lá dos homens e se dizia que ali fora cidade imperial dos Incas antigamente, mas quem iria saber com certeza, o certo é que lá havia estranhas pirâmides que se elevavam às nuvens e labirintos junto a lagos e montanhas cercando tudo nos horizontes. (MP, 1981, p. 150)

O mito refunde as imagens de todos os tempos. No espaço de recriação, a árvore-símbolo agrega os mistérios atribuídos ao sumiço do explorador inglês, pois o que não tem explicação tende a povoar a mente, reconstruindo espaços de personagens literários, cujos matizes redesenham novas personas do discurso. O afã da busca está representado nas mais de quatrocentas páginas de uma história circular – da cidade para o sertão. Paulatinamente são tomados, tanto pela densa cartografia de rara vegetação, como pela ausência do humano que domina a narrativa e a alma das personagens, desde as primeiras páginas. A cadência da viagem é metaforicamente marcada pela expressão “Martelo martelando...” que abre a narrativa, bem característico das andanças por lugares ermos e solitários. Sertão e homem se fundem e fundam o poder de narrar, única forma de manu-

² Cf. Chevalier & Gheerbrandt, 1994, pp. 427-8.

³ Sobre a busca da “cidade abandonada”, ver *O mistério do explorador Fawcett*, de Ayres da Câmara Cunha (1984) e *Esqueleto na lagoa verde*, de Antonio Callado (2010).

tenção da vida. “Meio-dia e martelo. Bigorna” (MP, p. 09). O utensílio utilizado para apoiar metais a serem malhados e moldados a quente ou a frio adquire estatuto imagético. O som do martelo, “untando de quente”, une-se ao das patas dos cavalos na terra a perder de vista, esturricada: “[...] agora só o som das patas do cavalo sobre sua sombra no chão, as cigarras, as seriemas, e som de tudo que é um som de silêncio, mais que ruído ou voz que se distinga na solidão” (MP, 1982, p. 12). Som e silêncio; sertão e homem, tudo isso fundido em elementos característicos do espaço:

[...] Em vermelho a terra a se perder de vista, baixa, sempre baixa e igual, as casas há muito tinham se acabado, e [também] os quintais com suas sombras de árvores copadas. [...] cançanções e lixeiras, cupinzeiros negros e amarelos de longe em longe, quando em quando uma mancha mais forte de sangue de bromélia e broto de ananás do mato a romper no ralo da trançaria do chão, verde suja, esturricada. (MP, p. 12)

[...] chapadões que se desenhavam na testa dos horizontes, aprestado, faro arteiro como de bicho, que se invente se não se tem ou se perdeu e lonjura e mais lonjura, quanto mais lonjura melhor. Brasa de roda, roda que roda, o sol queima as esteiras do sertão. Sertão esbraseado, fogão de brasas. (MP, p. 12)

Imagens de relatos registram os espaços que, apesar de delimitarem a geografia, não estão a serviço de uma caracterização identitária, mas alternam quadros em que as personagens se inscrevem nas oscilações próprias dos sentimentos e da própria viagem: as Serras, o garimpo, as doenças “mateiras”; a violência, a alternância água/seca/calor; sempre colocadas em imagens intensas, na dualidade de sentimentos melancolia/solidão, que não só caracterizam o movimento sazonal do clima, mas a oscilação de temperamentos, sempre num quadro característico das dificuldades enfrentadas nos caminhos do sertão.

As oscilações determinam o sentido da própria busca. No início da viagem (e do romance) a travessia é cadenciada (batidas do martelo, som das patas dos cavalos), a paisagem clara, os encontros/desencontros de caminhos refrescantes. À medida que a narrativa cresce, se adensa, a natureza se transforma em inimiga, as relações tencionam os conflitos, as dificuldades impedem a caminhada e a escuridão domina o ambiente: “A chuva se enfurece, mastiga ecos, [...] o céu tem focinhos que ruminam em turbilhões incansáveis, a escuridão sem beira e sem lados se abre a goela sem fronteira (MP, p. 210).

Nas mais diversas tendências e escolas literárias são muitas as narrativas em que natureza e homem estão em intrínseca relação de forças. As diversas visões da natureza, tanto na perspectiva exótica e majestosa, quanto na sagrada ou trágica e fatal, estão representadas em romances clássicos e poemas, notadamente os de princípios básicos do Romantismo associados ao culto do exotismo, à fuga para lugares idílicos ou míticos.

Se o mito é o martírio/gozo, encontrará-lo requer sacrifícios. Transforma-se num labirinto sem mapas. O sertão sem fronteiras (Tuiaiá) corporifica o deserto bíblico (da peregrinação de Abraão em busca da Terra da Promissão, ou Terra Prometida). No centro, a mãe-natureza (Madona) escondida nos páramos. Nos mitemas locais as personagens ora fracassam, ora se redimem rumo a um céu

profetizado e numa extensa paisagem que ressignifica, tanto o imaginário bíblico, quanto o dos viajantes em relação à América.

O apelo à própria história da ocupação dos “espaços vazios” de Mato Grosso se dá na proporção em que a viagem a ser vencida é o ritual de passagem para alcançar a Figueira-Mãe – travessia dos páramos a serem mapeados/delimitados e espaço metafórico dos deslimites da vivência humana.

O universo labiríntico da narrativa

Qual a forma escolhida por Dicke para narrar as histórias que condensam a trama do universo fabular de *Madona dos Páramos*?

O escritor não economiza palavras. Recria-as, exaustivamente, como se requeresse do leitor o mesmo cansaço da viagem. A extensão da narrativa é o deslimite do espaço a ser vencido, as longas distâncias entre espaços vazios, sem a presença humana. Apenas a natureza implacável e desértica que vai tomando conta do espírito dos caminhantes. Nessa representação do cansaço e da distância, não poupa esforços no sentido de buscar a palavra recriada a partir da oralidade sertaneja, carregada da densidade etimológica, hermeticamente articulada de modo a parecer tão complexa quanto os caminhos.

Não se lê Dicke sem levantar a cabeça, como fala Roland Barthes (2004), ou seja, a partir das proposições da leitura, o leitor faz as próprias associações, afasta-se e constrói outro texto, numa espécie de sutil subversão barthiana, muito própria do universo narrativo de Dicke. O “deslocamento” do receptor passivo torna-o agente ativo que, respeitando os limites estéticos, interfere na obra literária, compreendendo-a de forma diversa daquelas dominantes em seus respectivos momentos históricos. Uma consciência crítica diferenciada, portanto, ativa. Movimento de repensar os próprios conflitos existenciais, vivenciar as travessias, muitas vezes inglórias das personagens (que também são nossas). Na imagem de Barthes, fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio. No espaço lacunar da ausência de vozes é que se condensa a força da cena narrativa que nada mais é que a representação do sertão recriado pelo escritor.

Nessa atitude participativa, o texto desacomoda o leitor, o que se dá na narrativa pela forma como capta a alma do sertanejo, colocando-o como homem atemporal. Trava um diálogo com o leitor, colocando em evidência o sofrimento humano, os desejos incontidos, os sonhos não realizados. O estilo misterioso é o próprio imbróglio da escritura romanesca.

Desta forma, o romance revitaliza o mítico-religioso e o imaginário do homem rude do sertão perpassado pelo registro do local, sem preocupação identitária, como dito. No entanto, a cultura e a tradição estão presentes através da obstinada busca da terra prometida que, de certa forma, constituiu o instrumento de resistência contra a colonização portuguesa e espanhola no Brasil. Nos movimentos humanos, tanto de travessia do oceano, no início do período colonial, quanto das andanças pelo sertão, reside a busca do paraíso terrestre e a luta pela sobrevivência. São elementos determinantes da trama do romance e configuram o estilo do escritor.

Na perspectiva de Gilvone Miguel (2014) a terra visionária da Figueira-Mãe ocupa posto de entre-lugar, de “terceira margem”, tanto na relação entre os espaços urbanos e o sertão, como na relação mítico-religiosa entre o céu e a terra, figurando como um “mais além” do que pode ser comprovado pela capacidade lógica do homem. O entre-lugar como o espaço “entre” – nem um nem outro – mas, no intervalo lacunar “entre” o espaço urbano e o sertão; “entre” o real e o mítico; “entre” o senso de percepção lógica e a imaginação visionária.

Considerações

No campo literário brasileiro, especificamente mato-grossense, Ricardo Guilhaume Dicke é um desses escritores que se esconde entre as palavras. Quanto mais se adentra nos labirínticos meandros dos seus textos, mais o leitor se incomoda. Um livro nunca se esgota numa única leitura, assim como não se pode parar em apenas um texto, mesmo sendo tão significativo do seu universo criativo como este. Sua vasta produção publicada em vida continua postumamente, desta feita preparada por Cristina Campos, uma das muitas estudiosas do acervo do escritor. É dessa forma, subsidiada por pesquisadores empenhados na difusão dos escritos, aliada ao interesse da Editora Carlini & Caniato, que tem investido no trabalho de editoração dos escritores do Estado que a fortuna crítica de Dicke se mantém em crescente estágio de produção. Registre-se, também, a fecunda participação dos Programas de Pós-Graduação das duas Universidades Públicas de Mato Grosso, cujas pesquisas têm se voltado para a compreensão do sentido da produção cultural e, principalmente, para a verificação do sistema literário em formação. E são muitos os estudiosos debruçados em seus densos textos. Falta-nos, neste momento, primar pela divulgação o que envolve empenho das Instituições, das Editoras e do poder público, uma dificuldade que se tem enfrentado em todos os níveis de trabalho com a literatura, pois sem a distribuição não há conhecimento e sem este, tendemos a deixar o escritor no ostracismo em que esteve até agora. Uma preocupação que, creio, não é apenas de um grupo, mas de grande parte dos que trabalham com a literatura.

Assim colocados, tais temas têm contribuído para o redimensionamento dos estudos atuais sobre os sentidos do local/regional e universal/geral, ou seja, pensar o texto numa rede articulada em que o conhecimento está ligado à subjetividade de um narrador que se articula pela *praxis* (sujeito e objeto em interação), sem perder de vista as dimensões/fulgurações da perspectiva utópica. Uma utopia que não é mera esperança no porvir, mas presentificação, ou seja, adesão ao objeto para produzir o seu devido distanciamento, como na proposta de Barthes, retomada por Walter Mignolo, como visto. Traduzir as formas de expressão para renovação do olhar crítico. Não é, portanto, uma questão identitária, mas de construção de bases analíticas que possam delinear uma política literária que dê conta de dizer como um texto literário se legitima como tal.

Nesse sentido é possível tratar da produção cultural em diferentes setores sociais, do trabalho dos agentes de promoção e do crítico, cuja distância do objeto analisado favorece o posicionamento abalizado, criando perspectivas de análise e promoção de um pensamento liminar nas e a partir das margens. Um

mundo, conforme Northrop Frye (2013), em que tudo está inteiramente dentro de um único corpo infinito que, no caso em análise, se configura na forma como o espaço é representado; não mais o pictórico, mas a força performativa da linguagem, muitas vezes comprometida com a construção dos estereótipos pelos quais Mato Grosso é, ainda, reconhecido.

Referências bibliográficas

- Abdala Júnior, B. (2002). *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC.
- Abdala Júnior, B. (2003). *De voos e ilhas: literatura e comunitarismo*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Abdala Júnior, B. (2007). *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. SP: Ateliê Editorial.
- Barthes, R. (2004). *O rumor da língua* (2.ª ed.). Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (2010). *O poder simbólico*. (13.ª ed.). Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Callado, A. (2010). *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das letras.
- Candido, A. (1993). *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Candido, A. (1997). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (Vol. 1, 8.ª ed.). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário de símbolos* (8.ª ed.). Trad. Vera da Costa e Silva e outros. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Cunha, A. C. (1984). *O mistério do explorador Fawcett: expedição à serra dos Gradaús*. São Paulo: Clube do livro.
- Dicke, R. G. (1982). *Madona dos Páramos*. Rio de Janeiro: Ed. Antares; Brasília: INL.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Frye, N. (2013). *Anatomia da crítica*. Trad. Morais Martim. São Paulo: É Realizações.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11.ª ed.). Trad. Tomaz T. Silva & Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- Machado, Madalena. (2014). *A literatura de Ricardo Guilherme Dicke: intervenções críticas*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Mignolo, W. D. (1990). *Tradiciones orales, alfabetización y literatura* (o de las diferencias entre El corpus y El Cânon). In IX Congresso Internacional de Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL, Campinas, Brasil, agosto, 6-10.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange R. de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG.
- Miguel, G. F. (2014, ago/dez). *Revista Panorâmica On-Line*. Barra do Garças-MT, 17, 23-39.
- Rama, A. (2001). *Regiões, Culturas e Literaturas*. In F. Aguiar, & S. Vasconcelos (Orgs.), *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp.
- Santos, A. G. (2017). *Em busca do paraíso perdido: os caminhos e descaminhos das personagens em "Madona dos Páramos", de Ricardo Guilherme Dicke* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT.

Resumo

Neste artigo levanto algumas questões sobre o tema do mito da terra prometida, no romance *Madona dos Páramos* (1982), do escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). Nesse sentido, busco compreender a viagem interior das personagens em busca da Figueira-Mãe, supostamente localizada na lendária Serra dos Martírios. O retorno ao paraíso, como pensado

por Mircea Eliade (1992), é uma necessidade humana que une as personagens ao espaço do sertão, gerando o contexto desestabilizador em que os destinos e as frustrações, a busca pela sobrevivência e os conflitos internos são revelados em situações limites, fazendo aflorar sentimentos ambíguos e inadequação ao mundo, próprios do contemporâneo. O universo labiríntico da narrativa é a representação desse mundo metafórico em que o leitor se torna cúmplice. Um mundo, conforme Northrop Frye (2013), em que tudo está inteiramente dentro de um único corpo infinito que, no caso em análise, se configura na forma como o espaço é representado; não mais o pictórico, mas a força performativa da linguagem, muitas vezes comprometida com a construção dos estereótipos pelos quais Mato Grosso é, ainda, reconhecido.

Abstract

In this article, I raise some questions about the theme of the myth of the Promised Land in the novel *Madona dos Páramos* (1981) by the Brazilian writer Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). In this sense, I try to understand the inner journey of the characters in search of Figueira-Mãe, supposedly located in the legendary Serra dos Martírios. The return to paradise, as thought by Mircea Eliade (1992), is a human need that unites the characters to the space of the *sertão*, generating the destabilizing context in which the destinies and the frustrations, the search for the survival and the internal conflicts are revealed in limiting situations, giving rise to ambiguous feelings and inadequacy to the world, typical of the contemporary. The labyrinthine universe of narrative is the representation of this metaphorical world in which the reader becomes an accomplice. A world, as Northrop Frye (2013), in which everything is entirely within a single infinite body, which, in the present case, is shaped in the way space is represented; no longer, the pictorial one, but the performative force of language, often committed to the construction of the stereotypes for which Mato Grosso is still recognized.